

LÍNGUA E SOCIEDADE

Resumo de uma lição dada na Faculdade de Letras de Lisboa. — Publicado a primeira vez na *Rev. de língua portuguesa* (Rio de Janeiro), n.º 27, págs. 111-113, ano de 1924, — e de lá transcrito para aqui.

## LÍNGUA E SOCIEDADE

A linguagem, conquanto na origem seja fenómeno físico-psicológico, e portanto individual, podendo por isso servir apenas para o indivíduo (*falar só; Travessa do Fala Só*, em Lisboa; *falar com os seus botões; falar com o Diabo*), é contudo essencialmente social, porque relaciona de modo imediato os homens uns com os outros. Uma curiosa cantiga popular alentejana (em Pires, *Cantos pop. port.*, iv, 501, n.º 169) exprime suficientemente êsse contraste: Chamaste-me *fala só*, || Oh que falsa opinião! || Estava a falar contigo, || Falando ao meu coração...

Vejamos agora alguns casos gerais do emprêgo social da linguagem.

### I. No trato quotidiano:

*A*—Em família: cada um se entende em casa com seus pais, irmãos, parentes, criados.

*B*—Na rua: negócios, ocupações, visitas, encontros com pessoas conhecidas ou com pessoas estranhas.

*C*—A distância: os homens comunicam entre si a distância, quer deslocando-se, quer por escrito (cartas, telegramas, jornais, livros).

Quando há deslocamentos, a linguagem pode por vezes tornar-se órgão de outras sociedades ou de so-

ciudades que se formam de novo: transplantação do latim para longe da Itália (latim da África, da Germânia, da Britânia; latim que se transformou nas línguas românicas; céltico levado para a Galácia, ou trazido para a Península Ibérica; árabe levado para a África e para a Índia, ou também trazido para a Ibéria; grego espalhado na Ásia Menor e nas ilhas do Mediterrâneo, nas colónias gregas da Sicília e da Itália, e hoje em partes da Turquia e da Rússia; português, hespanhol, inglês levados para a América, e aí tornados idiomas nacionais de novas sociedades; português levado para a Ásia, para a África, e para a Oceania).

Em vez de deslocamentos grandes, pode haver unicamente colónias modestas ou modestísimas. Na língua de uma nação descobrem-se assim reflexos étnicos antigos: por exemplo, em Portugal, *A dos Francos*, onde entra uma palavra germânica; *Toledo*, palavra hespanhola; *Grandola*, palavra italiana. Até pela análise do léxico de uma língua se pode estudar uma civilização: *civilização indo-europeia*; *civilização arábica*.

As palavras nem sempre são transportadas por povos que se deslocam: são muitas vezes resultado de simples correntes civilizadoras, ou de contactos avulsos, como *leque*, *banza* (« guitarra », africana), *bife*. Pertencem aqui as palavras científicas internacionais: *bismuto* (metal), *malária*.

A maneira mais notável de comunicação escrita é a literatura. Na literatura revela-se o génio, a capacidade, ou as circunstâncias da vida de um povo: a língua reflecte a literatura, e torna-se, pois, importantíssimo instrumento de aproximação social, no espaço e no tempo. Não apreciamos o povo romano pela sua literatura? Não influíu a literatura helénica sempre,

desde a antigüidade até hoje, no progresso do género humano? Porventura não ministra ainda o grego constantemente elementos para a formação de palavras técnicas da indústria, da sciência, e das artes: *ciclismo*, *aerostato*, *nefelibata*, *siderotecnia*, *matemática*?

II. Um individuo fala a muitos que o escutam (linguagem oratória ou concional: de concio -onis):

Até aqui vimos a linguagem no uso de vários individuos que comunicam juntamente entre si. Mas pode um só individuo falar a muitos, que se reúnem ou se dispõem para o escutar: a linguagem manifesta-se então desde o simples brinde até o discurso mais elevado, desde a pacífica lição até à tormenta do fôro, do parlamento, do campo de batalha; desde a prelecção académica, em que um erudito ou um especialista apresenta o resultado das suas indagações scientificas, até o sermão edificativo ou arrebatador.

Quando o homem que fala é verdadeiramente eloqüente e de prestígio, faz obedecer ao seu verbo tribunais, assembleias, exércitos, povos, como Demóstenes na célebre causa que deu origem à *Oração da coroa*, como Mirabeau nos tempos da Revolução Francesa, como Pedro, o Eremita, que promoveu as Cruzadas.

